

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Proprietário—Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.686
Domingo, 25 de Maio de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Batalha, 114 e 115

Dezenas de operários estão sofrendo no presídio da Trafaria o grande crime de serem vítimas dum crime praticado pelo sr. Ferreira do Amaral, com o consentimento do governo.

CONTINUAMOS NA LEI DA MORDAÇA

O ministro do Interior não ordenou a censura—mas o Ferreira do Amaral, mais poderoso, exerce-a! O sr. Sá Cardoso não soube explicar cabalmente ao parlamento os actos do comissário da policia—Acusam-nos de incitar ao crime. Mas o povo que nos lê bem sabe que enérgica e altivamente, vimos, bem pelo contrário, combatendo o crime!—Neste momento de extrema gravidade para o povo e para o país «A Batalha»—que combate todos os desmandos com a máxima energia e a máxima correcção—tem de falar livremente sem qualquer espécie de coacção.

O governo permitindo que um cabo de esquadra pergiga «A Batalha», coloca-se numa atmosfera de suspeição!

As perseguições—que o comissário geral da policia, instigado pela reacção Epoca, está movendo contra A Batalha, atingiram já o aspecto dum verdadeiro escândalo, que o ministro do Interior nem sequer sabe justificar.

O caso foi ante-ontem tratada no parlamento, distinguindo-se o deputado sr. Sá Pereira, acompanhado do sr. João Camoegas e do Vitorino Godinho, que levantou a questão, na maneira alva como defendeu este jornal, afirmando que A Batalha não incita ao crime, mas se limita a combater todos os roubos e todos os desmandos.

Melhor do que nós, que poderemos ser considerados suspeitos, falam os extractos de jornais que nenhuma amizade nos tem:

Do Correio da Manhã, permitimo-nos transcrever o que ao assunto diz respeito:

Antes de se encerrar a sessão o sr. Sá Pereira, protesta contra a censura a A Batalha. Afirma que nunca viu que nesse jornal se incitasse ao crime.

Insurge-se também contra a detenção de alguns indivíduos, sob a suspeita de serem comunistas.

O jornal A Batalha, diz, é sistematicamente contra os ladrões do povo, e não um propagandista do crime. (Apoiados do sr. Camoegas e não apoiados dos restantes).

Crimes nunca aplaudiu nem aplaudirá, partam eles de avançados ou dessa seita tenebrosa de moçoigos, pior do que os primeiros.

O sr. ministro do Interior declara que não deu ordem para se fazer essa censura a A Batalha, mas apenas ordenou a sua apreensão. Não deu essa ordem por escrito, e disse se penitencia, porque ela foi mal interpretada. Essa censura, afirma, foi mal feita mas, repete, não foi ele quem a mandou fazer.

Um tanto ou quanto atirado, o sr. Sá Cardoso diz, perante o espanto da Câmara, ter pensado em dar uma explicação a A Batalha, mas arrependeu-se, pois tal não lhe ficaria bem, dados os ataques de que o governo tem sido alvo por parte desse jornal, que lhe tem chamado tudo, de ladrão para cima e para baixo.

O sr. Sá Pereira volta a falar, para declarar que o entrincheirado esse facto, tanto mais por se tratar de A Batalha, órgão da classe operária, que ele, orador, tem sempre defendido. Mas protestaria igualmente se se tratasse dum jornal monárquico.

Escreveu também a Imprensa Nova:

Antes de encerrar a sessão, o sr. Sá Pereira protesta, enérgica e cabalmente, contra a censura feita ao jornal A Batalha, de anteontem, tanto mais que não crê que estejam suspensas as garantias, em Lisboa, igualmente se insurge contra a prisão de alguns indivíduos sob a suspeita de serem comunistas. Contra tal protesta, com veemência, pois, em seu entender o sr. Sá Pereira não constitui um crime.

O sr. ministro do Interior, respondendo, em voz apagada, diz que não deu ordem para se censurar A Batalha. Apenas mandou apreender esse jornal, pelos seus constantes incitamentos ao crime. Essa ordem não foi dada, por escrito, e disse se penitencia, dando como resultado que fosse mal interpretada, pois passou por quatro pessoas.

O sr. Sá Cardoso, prosseguindo perde a serenidade que lhe é peculiar, e diz que essa censura foi mal feita, mas, repete, não foi ele, ministro, que ordenou que tal se fizesse.

O sr. Sá Pereira, voltou a atacar essa violência. Declara que nunca viu nos números que tem lido, que A Batalha fizesse elogios a crimes ou incitamentos. Esse jornal é sistematicamente contra os ladrões e envenenadores do povo. Esta é que é a pura verdade, exclama com energia. Crimes nunca aplaudiu nem aplaudirá, partam eles dos avançados ou dessa tenebrosa seita de moçoigos, mais criminosos que os primeiros. Volta a protestar contra a censura feita a A Batalha, sendo calorosamente apoiado por alguns correligionários, destacando-se o sr. João Camoegas.

O sr. ministro do Interior, voltando a falar, diz ter pensado em dar uma explicação à direcção desse jornal, mas depois de pensar resolveu tal não fazer, pois o governo tem sido alvejado na Batalha de ladrão para cima.

Por último o sr. Sá Pereira mantém o seu protesto, tanto mais por se tratar de um jornal que defende a classe operária.

Que depreendo o leitor da atitude do sr. Sá Cardoso? Provavelmente o mesmo que nós depreendemos. O ministro do Interior está vivamente preocupado com a forma arbitrária como o sr. Ferreira do Amaral vem procedendo contra A Batalha. Intimamente condena, como toda a gente de bom senso, que no momento gravissimo de escândalos e roubos que o país atravessa se imponha a circulação e se censure o jornal que mais enérgica e altivamente ataca esses roubos, critica a desmoralização e apela para as forças ainda não corrompidas no intuito de se moralizar e sanear o ambiente.

Intimamente o sr. Sá Cardoso compreendeu que amordaçar a única imprensa em que a nação tem absoluta confiança—porque sabe que ela é incapaz dum desonestidade—é colocar num plano moral duvidoso o governo e os homens que o constituem.

E tanto é verdade o que dizemos, e tam certo é o sr. Sá Cardoso discordar dos disparates do sr. Ferreira do Amaral, que só recendo a especulação politica que com o caso se poderia fazer, não deu ao redactor principal do A Batalha explicações que esclarecessem a sua atitude e não fez cessar talvez a perseguição injusta de que somos vítimas.

Fez muito mal o sr. Sá Cardoso em não ter tomado uma atitude que não o rebaixaria, antes o elevaria; fez muito mal em não obrigar o comissário geral da policia a encerrar-se no limite das suas funções, impedindo-o de vexar um jornal que representa a opinião dum legião de vítimas.

Para prestígio do Estado republicano, para prestígio do ministro do Interior que está dando ao país o espectáculo indecoroso de sujeição a um simples comissário de policia, A Batalha tem de circular ampla e livremente, sem restrições, sem obstáculos!

A Batalha, como muito bem disse no parlamento o deputado sr. Sá Pereira, não incita ao crime, não pretende a desordem. A Batalha luta, com uma energia e uma altivez, que só desagrada aos ladrões, e aos criminosos, contra o roubo e contra o crime!

Afirmou o ministro do Interior, no parlamento, que A Batalha alvejou o governo do ladrão. É falso! Desafiemos aquela entidade a provar a sua afirmação. O que A Batalha disse e não deixou nunca de dizer, é que o governo não tem procedido contra os ladrões, dando assim uma lamentável impressão de cumplicidade. Ao governo compete atacar, com a mesma energia com que nós o fazemos, todos os desmandos, todas as immoralidades. Não procedendo com energia que poderá o povo pensar dele?

A Batalha, hoje mais do que nunca, para bem do

país, precisa de ter livre, absolutamente livre a sua voz.

Há escândalos de tal gravidade, que não temos coragem de trazê-los a público enquanto impender sobre nós a ameaça brutal dum suspensão ou dum censura prévia e iniqua.

«A Batalha» quer, em nome dos interesses da colectividade, fazer revelações formidáveis e só o fará no dia em que não estiver coacta, no dia em que o sr. Ferreira do Amaral, com a sua pata caseira, deixar de exercer funções de censor!

As questões graves que «A Batalha» precisa urgentemente revelar ao país, se não forem tornadas publicas com brevidade podem trazer dissabores e prejuizos irremediáveis.

Se o próprio governo, conserva algum espirito de liberdade e um pouco de interesse pela república, que periga neste momento, retire imediatamente ao sr. Ferreira do Amaral—reacção que tem por órgão officioso «A Epoca»—a faculdade de nos apreender ou censurar porque, em nome do povo e em nome do país, queremos fazer revelações graves e sensacionais.

O governo, que nem mesmo razões legais tem para nos perseguir (não usamos a linguagem despejada que o Mundo usou no tempo da monarquia, nem precisamos de dirigir ataques ao chefe do Estado) se está no poder para manter as poucas liberdades conquistadas em 5 de Outubro, deve imediatamente cortar as garras ao comissário geral da policia e permitir que A Batalha fale—porque é absolutamente necessário que ela fale neste momento!

Vejamos, pois, qual dos caminhos o governo quer seguir: se o que conduz à defesa dos interesses da nação, ou o que leva à submissão aviltante às quixotadas dum homem perigoso para o país e para as instituições vigentes, que o mesmo governo, e não nós, tem o dever de salvaguardar.

NO ALTO DE SANTA CATARINA

A VENDA DOS NAVIOS

Um grupo de alemães e holandeses, servido por alguns «patriotas» prepara-se para roubar o país e arremessar as classes marítimas para a fome

É preciso que o ministro do comércio tome uma atitude enérgica

Há dias as classes marítimas nomeadamente a Comissão de Defesa da Marinha Mercante que se avistou ontem com o sr. ministro do Comércio com quem conferenciou sobre a venda dos navios dos T. M. E. a entidades estrangeiras servidas para esse fim por portugueses pouco escrupulosos.

A impressão colhida foi regular dizendo-lhe aquele senhor que lhe fizesse uma exposição dos casos que conhecessem para ele poder providenciar acerca dos mesmos e evitar que se pudessem pôr em prática a grande negociação que já começou com a compra do vapor «Pórtor».

O ministro do Comércio, quando os jornais começaram levantando o voo da questão deu ordem à Comissão Liquidatária dos T. M. E. para averiguar a idoneidade das entidades compradoras dos navios no primeiro leilão.

Toda a gente conhece as casas que compraram os vapores «Lagos», «Punget» e «São Jorge» e sabe que os seus negócios se prendem com as coisas marítimas mas da que comprou o «Pórtor» nem mesmo o sr. Ortigão Peres é capaz de dar uma informação concreta.

Este homem que tem sido a alma da venda dos T. M. E., que obteve até lá pouco ao aumento de soldada ao pessoal embarcado nos navios do Estado, continua ainda a ver se por todos os processos lhe pode fazer mais mal do que já tem feito.

Mandou a Comissão Liquidatária uma ordem para bordo do vapor «Pórtor» para lhe dizerem quando é que este barco pode ser entregue.

Para que será tanta urgência com a entrega deste navio?

Quando toda a gente sabe que este navio é para reduzir a sucata, natural seria que os patriotas remanescentes do Estado não tivessem de entregar uma unidade cujo destino é prejudicial para o país.

Porque não informam o ministro do destino que este barco vai ter a fim de servir que tal se faça?

A pressa é tanta que já mandaram para bordo deste barco mais um grande número de homens a fim de o despojar dos utensílios que não ficam para o comprador, para o poderem entregar o mais possível, antes do ministro dar quaisquer providências tendentes a evitá-lo.

As classes marítimas não devem permitir que se cometa esta monstruosidade e devem preparar-se para arregar este perigo, pelo qual se pretende despojar-las dos maquinismos onde angariam os seus meios de vida.

Esta semana vai aquecer, e se a Comissão de Defesa não conseguir que o ministro ponha qualquer entrave a que

os navios sejam desfeitos ou vão parar às mãos de estrangeiros, tem de se preparar qualquer meio de defender aquilo que é tão caro e tantas vidas custou.

Trata-se de defender os direitos das classes marítimas à vida que nenhum Ortigão, nem nenhum Peres pode coartar, conluídos com outras entidades.

Deve Ortigão Peres saber que um dos gerentes da S. F. C. Ltd., que comprou o «Pórtor» já declarou que se houver alguém que queira aquele barco para navegar o vende pelo mesmo preço que o comprou porque acima dos seus interesses particulares coloca os da pátria. Para que é então que tanto se apressa em fazer entrega ao comprador?

Este homem desde que entrou para os T. M. E. tem sido a alma negra das classes marítimas de entendimento com Brito do Rio, não se fazendo nada ali dentro sem sua autorização apezar de nunca ter visto navios nem perceber nada daquilo, mas também o sr. Alberto Cartaxo tem uma cota parte nesta coisa.

Só há poucos dias é que foi concedido aos tripulantes dos navios dos T. M. E. o aumento de salário que tinha sido dado pelos armadores particulares desde Dezembro passado e o culpado disto foi Ortigão Peres que apesar do ministro pretender atender as reclamações feitas varias vezes nesse sentido sempre opoñdo a sua recusa sistemática a satisfação daquela justiça. E ainda agora com a venda dos navios trata de andar a toda a pressa para não dar tempo a ninguém ter conhecimento da transacção e quando se pretender agir de forma a evitar o seu desaparecimento já seja tarde.

O ministro tem o dever de obstar de qualquer forma a que se pratique a infâmia de pôr alguns milhares de pessoas a pedir esmola, sob pena de o considerarmos cúmplice num negócio tão chorudo como este, se anuncia mas de tão trágicos efeitos.

Sou a hora dos marítimos darem mais uma vez o exemplo da sua solidariedade e da sua vontade em não se querermos deixar despojar dos seus navios, opondo-se por qualquer forma a que eles saiam a barra para ficarem em Montemor-o-Novo.

O nosso camarada Mário Domingues, a convite da comissão pró-Biblioteca Operária Montemorense, realiza hoje uma conferência, em Montemor-o-Novo, subordinada ao tema «A missão da mocidade no movimento revolucionário».

A mesma comissão convida todo o povo daquela vila a assistir à referida conferência.

A LUTA PELA VIDA

OS OPERÁRIOS CORTICEIROS

manteem-se em greve, em todo o país, há cerca de um mês, lutando por um aumento de salário

Os industriais persistem em oferecer uns miseráveis 10%

A Federação Corticeira recebeu ontem no seu escritório da Secção de Cortiça da Associação Industrial Portuguesa, no qual eram comunicadas as suas resoluções.

Não supunhamos que os industriais, de parte deles, tivessem a pretensão de irritar uma numerosa classe, continuando a oferecer os mesmos 10% que ofereceram de princípio. Mais uma vez, no seu último ofício, mantêm os 10%.

E' inconcebível que alguns industriais na sua teimosia julguem que tal oferecimento em alguma coisa beneficiasse os operários corticeiros. Essa resolução é uma provocação à miséria de milhares de trabalhadores que foram impedidos a vir para a luta porque os salários que auferiam não lhes chegavam para viver.

Os industriais, se sabem quanto custa a vida, devem reconhecer que tal miserável oferta nada representa para fazer face à carestia de todos os géneros de primeira necessidade e prosseguindo teimosamente na sua primitiva deliberação, vexatória para tantos milhares de operários, veem com isso

desafiar a miséria dos que se lançaram na luta e que até esta parte se tem conservado numa atitude ordeira e com uma correcção ilimitada.

E já lá vão 25 dias em que esta situação se mantém; o espectro da fome aproxima-se a passos agigantados e os industriais não tem a noção de que o seu procedimento pôde criar a revolta dos seus próprios explorados.

Os salários dos corticeiros já de si eram miseráveis; foi feita uma reclamação para que esses salários se aumentassem, e os industriais ofereceram simplesmente uns 10%, que foi uma afronta lançada às faces de milhares de esmoeados. Com uma persistência que irrita, mantiveram essa oferta até hoje sem contemplação alguma por quem lhes produz as riquezas. E dois jornais vem afirmar que os industriais ofereceram 20 e 25 por cento, o que não é verdade. Aqueles senhores não saíram, como dizemos, dos 10%.

Esperam, decerto, os industriais fazer render os operários pela fome. Mas estes estão dispostos a todos os sacrifícios, a lutar por mais aumento de salário, não se sujeitando à irrisória quantia que lhes oferecem.

Sabemos haver alguns industriais que concordam com um aumento mais compatível com as exigências da vida, porque reconhecem a situação precária em que vivem os operários; porém, outros há que, com a sua atitude, parecem ter a intenção de provocar os bons propósitos, a correcção e a ordem em que se tem mantido os operários corticeiros há quase um mês.

Estamos convencidos que aqueles que reconhecem o direito à vida aos operários, não terão dúvidas em materializar os seus desejos, demonstrando assim que são mais humanos que os seus colegas que tem protelado a solução do conflito.

A classe mantém-se, a pesar de tudo, com a mesma firmeza e coesão do primeiro dia. As outras classes trabalhadoras começam já de manifestar a sua solidariedade. Os corticeiros não estão sós.

O Sindicato dos Ferrovieiros do Sul e Sueste acaba de distribuir por toda a linha um manifesto aos seus componentes apelando para a sua solidariedade material a favor dos corticeiros em greve, lembrando a todos o dever humano de tratarem do sustento das crianças enquanto durar o movimento.

Este apelo, disse temos a certeza, vai ser acarinado pela classe ferroviária do Sul e Sueste.

Outras classes já se vão manifestando, e assim os operários corticeiros saberão manter-se firmes e enérgicos, não obstante os desejos maldosos e a atitude sistematicamente provocadora de alguns industriais.

Considerando que no movimento estão envolvidos para cima de 12 mil grevistas, que representam mais de 50 mil bocas, não contando com as classes diferentes da industria;

Considerando que certos industriais estão desempenhando um papel criminoso, indo ao ponto de quererem vender a classe pela fome quando está provado que podiam e podem satisfazer as reclamações;

Considerando que o nosso movimento é genuinamente operário;

Considerando, finalmente, que a organização corticeira está moralmente nas condições de poder reclamar da restante organização operária em geral, auxílio moral e material;

O Conselho Federal da F. C. N. resolve:

- 1.º—Manter a greve até que o industrialismo corticeiro do país dê uma satisfação à família corticeira ora em greve;
- 2.º—Se o movimento se arrastar até 31 do corrente, reclamar de toda a organização operária auxílio material, e que esta tome conta das crianças dos grevistas que os não possam manter;
- 3.º—Responsabilizar os industriais corticeiros dos prejuizos morais e materiais que possam resultar do seu capricho;
- 4.º—Aconselhar a classe a manter-se na luta através de todos os sacrifícios, não retomando o trabalho sem que esta Federação o determine;
- 5.º—Considerar traidores ao movimento todos os corticeiros que, ao terem conhecimento desta resolução, retomem o trabalho sem que esta Federação o indique;
- 6.º—Insistir com as classes de transportes a fim de que estas continuem a prestar-lhes a bela solidariedade que até aqui nos tem prestado e que tão bons resultados tem produzido.

Aldealega

Mantém-se como nos primeiros dias a greve dos operários corticeiros nesta localidade, sendo nas reuniões efectuadas verdadeiro o procedimento dos industriais que persistem na oferta dos 10%, deliberando-se uma vez mais continuar na luta até que a Federação resolva o contrário.

Barreiro

Redobra de energia o movimento nesta localidade.

Cada dia que passa mais se vai arrejando no espírito de toda a família corticeira a necessidade de lutar para o triunfo das suas reclamações. A classe reunida afirmou mais uma vez a sua inquebrantável firmeza de só retomar o trabalho quando as suas reclamações forem atendidas e a Federação o determinar.

Faro

FARO 23.—A classe corticeira aqui

LEIAM amanhã o Suplemento de A BATALHA

SUMARIO: — Carta à oligarquia dominante sobre os atentados pessoais, suas origens e pronta repressão. — O Sindicato Único da Construção Civil e a inauguração do seu salão de festas e conferências. — Semana teatral, critica à peça Dentro do Castigo, de Norberto de Araújo, pelo dr. Adolfo Lima. — Educação Sexual — Os segredos da noite, por Ferreira de Castro. — O diálogo do Amor e da Morte por J. B. — Falar é semear. Ainda sobre a violência, por Abílio. — A Humanidade e a revolução social, por Carvalho Duarte.



GRAVURAS:

A gruta do Amor

A estreia do Modelo

Os operários russos em sua casa

HOJE AMANHÃ

Ultima representação da peça de BRIEUX

SIMONE

Ultima récita de assinatura com a l.ª representação do original do escritor francês

Bourdet, L'HEURE DU BERGER, traduzida por Vitorino Braga, com o título - AMANHÃ

HORA DE AMOR

O Comissário da Polícia

comparado com um general de opereta...
A falta de alemães "avinha" contra os operários

O sr. Ferreira do Amaral faz recordar, com os seus actos o famoso general Boum, da grandeza Gerolstein. Este famoso general, como é sabido, em vez de tomar rapé disparava para o ar, a sua pistola de dois canos, para depois aspirar, com delícia, pelas suas duas narinas, o cheiro da pólvora. O mesmo Boum sofria da obsessão de querer que o inimigo lhe aparecesse a cada canto, para mostrar os seus prodigiosos dons militares. Bem sabia o bom Boum que o inimigo só existe em tempo de guerra e o grande Gerolstein estava em paz com os seus vizinhos. Mas, não podia respirar outra atmosfera que não fosse de guerra e, assim, imaginava que o tempo de paz, lhe podia dar o inimigo só existente quando há guerra.

E assim o sr. Ferreira do Amaral, que bem sabe que a guerra acabou, que não está na Flandres mas no governo civil e a dois passos do Chiodo, que não há inimigos de Ludendorff mas sim um outro alemão trabalhando, soçadamente, para ganhar a vida. Não importa para o marvítico general que não esteja na Flandres nem em guerra. Inventou uma guerra à sua maneira e como não tem soldados alemães contenta-se com operários portugueses.

E' uma brincadeira perigosa esta de transformar o país em grande Gerolstein — perigosa para a liberdade dos operários, perigosa para o estado de irritação que as suas medidas provocam. O sr. Ferreira do Amaral conseguiu ser tanto quanto general. Delibrou ser general Boum e general Boum. Tão ridículo como o da opereta comica. Mas, o da opereta só por musica desempenhava as suas funções. E não se pode pedir que os gestos do sr. Ferreira do Amaral sejam acompanhados musicalmente por um jazz-band. Menos ainda se pode exigir que ele apareça, a cantar, no palco dum teatro.

En sou o Ferreira do Amaral, olaridol por entre o riso e as chufas dum plateia vencida por uma tão grotesca caricatura da autoridade.

O sr. Ferreira do Amaral junta ao grotesco, o odioso. Dezenas de famílias estão a estas horas, passando misérias, privadas do conforto e do amparo dos que estão em casa. Os operários estão sendo vítimas da mais atroz das perseguições. Nenhum deles tem culpa formada, nem cometen qualquer delicto que possa justificar a sua prisão.

Foram presos por terem estado presos em S. Julião da Barra. São vítimas duma arbitrariedade por terem sido o ano transacto vítimas duma arbitrariedade. Operário que tenha sido privado da sua liberdade, apesar de não ter infringido nenhuma das disposições legais, tem, como compensação ser detido injustamente, e por prazo de tempo indeterminado, sempre que um ridículo ou um odioso, tenham funções na policia e no governo.

Os operários presos são acusados de ter sido presos a um passado injustificadamente. Estão sofrendo por, em vez de encontrarem no firme propósito de não reformar o trabalho sem que a Federação o resolva, repudiando mais uma vez a oferta dos 10 %, por não poder com tal percentagem fazer face ao constante aumento do custo da vida.

Belém
Mantém-se com a mesma firmeza dos primeiros dias a greve dos operários corticeiros desta área, estando dispostos a lutar até que a vitória deste grande movimento seja um facto.

Evora
EVORA, 23. — Reuniu a classe corticeira para apreciar o estado do seu movimento, verificando-se a resistência do primeiro dia, pois que não há celebração alguma a registar.

Seixal
Tendo reunido a classe corticeira para apreciar a resposta dos industriais, foi comunicado pelo delegado que tiveram conhecimento que estes mantem a proposta de 6 de Maio, o que foi energeticamente repellido, entre grandes acrimónias e vivas à greve, Federação Corticeira, Maritima, C. G. T., à Batalha, e a toda a organização operária.

Silves
SILVES, 23. — Com o entusiasmo do primeiro dia, continua a greve da classe corticeira desta localidade. A classe, que se tem mantido ordeira, terá que, pela fome, entrar num período mais agitado, pois os seus exploradores se riem da sua pacatez.

Continua a registar-se a solidariedade dos camaradas frigateiros, estivadores e chauffeurs marítimos de Portimão.

Vendas Novas
VENDAS NOVAS, 24. — Reuniram os operários corticeiros, expondo o delegado directo ao conselho federal os trabalhos ali tratados sobre a marcha do movimento, sendo a assembleia unanime em condenar asperamente a mesquinha e irritante atitude dos industriais.

NOTA DA COMISSÃO DE DEMARCHEs
Camaradas: mais uma vez os industriais responderam à nossa Federação que mantem a oferta de 10 por cento. O Conselho Federal também mais uma vez repudiou tal iniqua oferta, porquanto não vem atenuar em nada a miséria que a classe vem atravessando em virtude da tremenda carestia da vida.

Camaradas: esta comissão foi incumbida de desempenhar-se de uma missão, de terem praticado um crime, serem vítimas dum crime.

Conferência Inter-Sindical

dos marítimos de Lisboa e Arredores

Reuniu a Comissão Organizadora que ficou definitivamente a data para a realização da conferência o dia 1 de Junho próximo, em local que ainda não está determinado, devido à grande dificuldade de arranjar, mas já tem negociações para a cedência duma sala de uma colectividade também aderente à Conferência.

Espera-se por toda esta semana demover este obstáculo.

Aos sindicatos que ainda não aderiram, pede-se para o fazerem o mais breve possível porque não se pode adiar por mais tempo, e para se poder publicar os nomes dos delegados e respectivos sindicatos em *A Batalha*.

Na próxima terça-feira começamos a publicar-se as teses a apreciar na conferência e já enviadas aos sindicatos.

A comissão rejeita-se com a adesão de quasi todos os sindicatos que não são aderentes à F. M. a quem foram enviadas as circulares, o que prova a boa vontade de todos em colaborar em tão magna e importante reunião.

— A Comissão Organizadora.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem uma comissão deste Secretariado novamente se avistou com o sr. João Madeira, director da P. S. E., com quem largamente tratou da situação dos presos que se encontram na Trafaria.

O director da P. S. E. disse que está tratando de abreviar a situação dos mesmos, mas encontra-se contrariado em consequência de uma série de embaraços com que constantemente está lutando sobre o mesmo assunto.

Esta comissão teve ocasião de constatar a chegada dos agentes que tinham ido a Trafaria no septido de trazer alguns operários, sabendo que no referido presidio se negaram a entregá-los por o pedido não ser enviado pelo ministério da Guerra.

E' espantoso semelhante estado de coisas!

Pois estando os presos entregues à Segurança do Estado, como é que o poder militar intervem no caso? Tem esta comissão a certeza que um poder occulto existe nesta momentosa arbitrariedade.

Mais protesta este Secretariado em consequência de criaturas malvoadas se aproveitarem do ambiente para conseguir os seus fins, como com o presumível atentado contra o director da P. S. E., que ontem, como os jornais anunciavam, se passou no Campo de Santana e em que certamente os elementos operários serão os atingidos.

E' certo que por parte do sr. João Madeira, director da referida policia, tem sido sempre recebidas as comissões deste Secretariado enviadas, com aquela seriedade que o assunto requer. Será contra esta circunstância, aliás razoável, que os tais poderes occultos tramam na sombra?

Também o director da P. S. E. resolveu sobre o assunto da prisão do operário Santos, em Faro.

da qual em breve comunicaremos os seus resultados à classe.

Camaradas: impõe-se o dever de manter a luta até a vitória! — A Comissão de demarques.

NOTA DO COMITÊ

Corticeiros: pela nota da comissão de demarques veréis que os industriais persistem em manter a oferta de 10 %.

Que infâmia! Sem consideração alguma por aqueles que lhe tem construído as fortunas, persistem caprichosamente em manter um aumento que eles próprios sabem ser insufficiente para fazer face à enorme carestia da vida. Tem este comitê conhecimento de quem são os industriais que na secção de corticeiros opõem barreira à satisfação da nossa reclamação, tencionando em breve torná-los conhecidos da classe para assim todos saberem quem são as criaturas que, esquecendo-se do seu passado, estão agora brincando com a situação de 50 mil criaturas. Em face de tão miserável e tão irritante atitude, deliberou o Conselho Federal manter a greve através de todos os sacrificios, não obstante o intuito dos industriais que nos pretendem vencer pela fome, esquecendo-se assim que é perigoso brincar com o fogo. Camaradas: coragem e avanço! Que a falta de escrúpulos dos industriais corresponda a uniformidade da nossa acção, porque dessa forma lutaremos sem desfalecimento até conseguirmos melhoria de situação económica. Este comitê lava o seu protesto contra a atitude assumida pelos jornais *Seculo* e *Diário de Notícias*, exortando a classe a não dar crédito às notícias por eles publicadas.

Com satisfação regista este comitê a atitude assumida pelo Sindicato dos Ferrovios do Sul e Sueste, pois acaba de publicar um manifesto apelando para a solidariedade dos ferroviários para com a classe corticeira em greve.

Regista-se, pois, com satisfação, que ao lado da classe corticeira se encontram os nossos irmãos de todo o país. Avante, pois, sem desfalecimentos! Viva a solidariedade operária! Viva a greve geral corticeira! — O comitê.

Moldureiros e bagueteiros da Casa Castelo
Terminou ontem, com completa vitória, a greve dos operários desta casa que durava há 15 dias.

As reclamações constavam do horário integral de 8 horas, aumento de 50 0/0 sobre os salários, e admissão de todo o pessoal sem represálias.

Este conflito foi orientado pelo S.

São Carlos

— Telefone C. 3083 —
HOJE, às 9 1/2 (21.30 da noite)
PRIMEIRO DOMINGO
OUTRO ENORME ÊXITO

A peça original do escritor brasileiro RENAT VIANA
SALOMÉ
Majestral criação de Lucília Simões
Desempenho de todos os principais artistas da Companhia
Encenação do prol. António Pinheiro
Três acentos novos
de Campos & Oliveira

As «toilettes» que na *SALOMÉ* apresenta LUCILIA SIMÕES foram confeccionadas nos ateliers de Mad. Demétria de Castro Pereira. Instalação electrica da casa Ramiro Pinto. Sexteto sob a direcção de René Bohet

Não há locação — Frizos e Camarotes, 4000, 5000, 2000 e 12000; Fantasia, 9000, e Varandas, 2850.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 e meias horas para tratar assuntos enadiáveis.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de pão. — Em virtude da greve todos os membros da comissão de «demarques» se encontram presos e ainda por outros motivos de força maior não se realiza hoje a anunciada assembleia da classe, que deve conflitar nos esforços que, aquele comitê está empregando para que sejam electivas todas as reclamações.

E' prevenida a classe de que deve acutelar-se com os fiscais da noite que, fazendo a aplogia de certos acontecimentos, não tem outro fim senão exercer uma odiosa espionagem, que dá depois logar a aciniosas perseguições.

CONVOCAÇÕES

Trabalhadores de tráfego do porto de Lisboa — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 13 horas, para a eleição dos corpos gerentes do corrente ano e aprecia o parecer de delegados à Conferência Inter-Sindical Maritima sobre os trabalhos a apresentar à mesma Conferência.

Federação dos Empregados no Comércio — Junta Sul-Reúne amanhã, às 21 horas, esta junta para tratar de um assunto de magna importância.

S. U. Metalúrgico — A comissão de melhoramentos faz saber a todos os metalúrgicos que trabalham na oficina de Abel Pereira da Fonseca, Lda., para que a continuação do regime de trabalho das 10 horas, não seja considerada traição a classe, devem de amanhã segunda-feira, em diante apenas as 8 horas e comparecerem na sede do Sindicato, às 21 horas, para em reunião se tratar do assunto.

Sindicato da Construção Civil — Reúne amanhã pelas 21 horas a assembleia geral, para se occupar das teses a discutir no próximo Congresso Nacional Corporativo, e para habilitar a delegação deste sindicato a poder pronunciar-se em conformidade com as indicações das assembleias.

Pela delegação deste organismo é apresentado à assembleia geral um contra-projecto à tese sobre a gestão industrial, e também um parecer-moção da secção profissional dos pedreiros, referente a reconstituição das associações profissionais.

Pela importância dos assuntos a tratar, dos quais depende o revigoramento dos nossos organismos corporativos, de crer é que o interesse se manifeste pela comparecência do maior número de sindicatos à assembleia.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

S. U. Metalúrgico de Coimbra — Resolveu convidar as direcções de todos os sindicatos que tem a sua sede na Casa dos Trabalhadores a retirarem, na próxima terça-feira, pelas 20 horas, para tratar de assuntos de grande interesse.

Mais uma sindicância encravada?
O dr. sr. Pinto Garção, desgostoso, pediu a demissão de sindicante do estabelecimento «caso dos discos» em que está envolvido o sr. Lúcio de Azevedo, antigo director da Casa da Moeda.

Segundo informação de quem nos merece a maior confiança, motivou aquele pedido uma nota do Directório do Partido Republicano Português, no sentido de que fosse abreviada a sindicância ao referido estabelecimento do Estado.

Parece não terem sido estranhas a publicação da nota as influências políticas de que dispõe o sindicato no círculo por onde foi eleito.

Mais um caso de «moralidade» política...

CONFERÊNCIAS

Junta de Propaganda Liberal
Effectua-se hoje na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.ª, pelas 21 horas e meia, a 1.ª conferência do curso regido pelo professor dr. Agostinho Fortes, acerca de «Uma vítima da inquisição» — Antonio José da Silva (o Judeu). Tratará de «Antonio José da Silva e a sua época».

O académico sr. Afonso Abrantes, realiza hoje às 31.30 horas, no Centro Republicano Fernão Boto Machado, uma conferência com o título de «

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21,15 (9 1/4) — HOJE

SENSACIONAL E ÚNICO ESPECTÁCULO DE ÓPERA

FESTA ARTISTICA do notável e aplaudidissimo soprano lírico

Luizita Cortés
com a ópera em 4 actos, do maestro VERDI

TRAVIATA

cantando a festejada algumas «romanzas» do seu variado repertório

Pela primeira e única vez o aplaudido barítono

Cantará a lindíssima romanza «CAMÕES»

O distinto barítono português

cantará os fados «TROVA AO LUAR» e «O MEU AMOR»

— Preços populares —

AVISO. — Para facilitar ao público a aquisição de bilhetes, as bilhetesiras dos camarotes e «lauteis» abrem ao meio dia e a da geral às 14 horas (2 da tarde).

Amanhã — Espectáculo da moda — ESTREIA da ópera portuguesa

do maestro LUÍS FILGUEIRAS

A LENDA DO CORAÇÃO

Escandaloso!

Alfredo de Sousa Azevedo, perseguido por dizer a verdade, continua a reclamar justiça!

Alfredo de Sousa Azevedo que fez há tanto tempo luto.

Desterros, para mim são propagandas que faço contra os inimigos da minha Pátria, Prisão, (Elvas, São João, Sacavém ou Valença), por «mais fortes que suas grades sejam, fracos de mais são para abafar a minha voz, aniquilar minhas ideias ou sustar minha grande vontade de salvar Portugal pelo equilíbrio completo dos politicos criminosos. O grande número de inimigos é insufficiente para me enfiar esquecer ou fazer recuar, pois que, luto pelo Direito, pela Razão e pela Justiça, e, quanto maior for o número de inimigos, assim o País os irá conhecendo, para os entregar à Justiça, quando Ela, enfim, sair em Portugal».

Contra o cidadão Américo Olavo Correia de Azevedo, entreguei participação em Juízo, participação contra crime de responsabilidade ministerial a qual formulada é em conformidade com as leis da Constituição, selada e reconhecida por notário, é a décima terceira (13.ª) e a medida que crimes forem sendo cometidos, participações irei entregando, não tendo a Força que hoje domina, já força sequer, de me fazer parar; não sei o que sucederá nem até onde isto chegará, exclusivamente sei, que hei de vencer, posso vencer, «por que quero vencer», pois que, sempre venceu a Liberdade e a Justiça quando luta contra a opressão e contra o arbitrio. A Força da Opressão e do Arbitrio será um dia, finalmente, vencida em Portugal.

Com o máximo respeito e a maior consideração,
Sauda V. Ex.ª o desterrado de Pinhel.
Alfredo de Sousa Azevedo, official dos orreios, voluntário e ferido da guerra.

Continha dentro da capital do território da República Portuguesa a prever e a mandar o Direito da Força, continua a mandar o arbitrio, continua a Justiça, a ser uma palavra vã. Ontem, pela quinta vez apeli para v. ex.ª, hoje, pela sexta (6.ª) vez, me dirijo novamente, e continuarei, até ao dia em que, em Portugal, entre o Direito da Justiça que esmaee enlim, o Direito da Força.

Por ordem telegráfica do cidadão Américo Olavo Correia de Azevedo, estive encerrado no Forte de Elvas, mais tarde desterrado para Pinhel; ignoro os «motivos inventados», nem procuro indagar, «manda em Portugal presentemente a Força», e «exclusivamente a Força», é quanto basta.

Nesta sexta (6.ª) carta aberta, que tenho a grande honra de hoje dirigir a v. ex.ª, devo dizer a v. ex.ª, aos trabalhadores, artistas, advogados, médicos, homens de letras e aos militares, a todos os portugueses, enfim, que eu, «não reconheço o Direito da Força, que não tenho receio dos destierrados, não me amedrontam as prisões, que não temo, que cresce o número d

inimigos de Portugal, contra os quais há tanto tempo luto.

Contra o cidadão Américo Olavo Correia de Azevedo, entreguei participação em Juízo, participação contra crime de responsabilidade ministerial a qual formulada é em conformidade com as leis da Constituição, selada e reconhecida por notário, é a décima terceira (13.ª) e a medida que crimes forem sendo cometidos, participações irei entregando, não tendo a Força que hoje domina, já força sequer, de me fazer parar; não sei o que sucederá nem até onde isto chegará, exclusivamente sei, que hei de vencer, posso vencer, «por que quero vencer», pois que, sempre venceu a Liberdade e a Justiça quando luta contra a opressão e contra o arbitrio. A Força da Opressão e do Arbitrio será um dia, finalmente, vencida em Portugal.

Com o máximo respeito e a maior consideração,
Sauda V. Ex.ª o desterrado de Pinhel.
Alfredo de Sousa Azevedo, official dos orreios, voluntário e ferido da guerra.

Os desordeiros

Perseguições ao operariado
SETUBAL, 2. — Os trabalhadores marítimos de Setúbal, que acabam de passar por uma grave crise em consequência da transformação do sistema do trabalho, vinham agora, já um pouco refreados desse abalo, dando à sua associação o vigor que noutros tempos já gozou e que tão indispensável se torna para defesa dos interesses da classe marítima. Porém, os armadores de cercas a vapor, sempre prontos a arrancar a pele aos que têm a desdita de os servir, entendem que aos marítimos não lhes assiste o direito de associação, e, neste caso, de tratar colectivamente dos seus interesses, e assim resolverem não consentir nos cercos trabalhadores filiados na sua associação de classe.

Este procedimento iníquo trouxe o descontentamento à família marítima, que tem a seu lado as restantes classes trabalhadoras de Setúbal.

Ontem reuniu a U. S. O. para se occupar do assunto e responder condignamente aos armadores que, sem respeito pelas regalias e direitos dos trabalhadores, procedem constantemente de forma tão despótica, que obriga à constante agitação da classe operária em defesa dos seus interesses ameaçados.

Também os trabalhadores da limpeza do município de Setúbal, vêm sofrendo a perseguição do chefe da Abegoria, criatura rancorosa, que na sua tacanhês, não entende que aos operários da limpeza seja lícito terem a sua Associação de Classe. E porque eles, a sombra do direito de a possuírem, e mantem e fazem porque se desenvolvam e desempenhem a sua missão, o tal chefe persegue-os. Em face disso a classe distribuiu um vibrante manifesto contra a torpeza de que é vítima.

Prevenção

Ontem os operários da construção civil que trabalham, em Almada, nas obras do dr. Pinto, mais conhecido pelo «Foca» foram despedidos por se terem recusado a receber salários inferiores aos mencionados pela tabela do sindicato que são: pedreiros, 20\$00; carpinteiros, 23\$00; trabalhadores, 18\$00.

O Sindicato da Construção Civil de Almada apela para todos os componentes da indústria a fim de não irem trabalhar para aquelas obras enquanto não se solucionar o conflito.

Uma boa notícia

Apesar da grande subida das fazendas de lá para fatos e vestidos, continuam a vendê-las por preços baratíssimos os fabricantes Donas, da Covilhã, porque os fabricam e vendem directamente ao público nos seus depósitos.

Têm um colossal sortido de fazenda de lá e estambre para fatos, sobretudo, vestidos e casacos em todos os padrões e cores, quasi por metade do preço.

Antes de fazer as suas compras consulte os preços desta casa. Depósitos de vendas a retalho. Em Lisboa: R. dos Fanqueiros, 187, 2.º. No Porto: R. Fernandes Tomás, 392-A.

Fruto Proibido

As noites de encanto e alegria com a revista

— Fruto Proibido —

são agora no

EDEN TEATRO
Telefone N.º 3800

com a

Companhia OTELO DE CARVALHO

FRUTO PROIBIDO é a mais popular e querida das peças. E' na actualidade, o único original português que se apresenta com linda música, esfasante critica e o maior deslumbramento.

O mais barato dos teatros
PREÇOS POPULARES — Frizos e Camarotes, 3500 e 4000; Fantaisias e orquestras, 1200 e 10000; Cadeiras, 7000; Geral, 2000 e Prémio, 1450.

Teatro São Luís

Empresa A. RAMOS, Lda.

— HOJE

4.ª récita da Companhia de ANDRÉ BRULÉ

e MADELINE LÉLY com a peça

L'Homme qui assassine

Amanhã — SEGUNDA FEIRA, 26

Arsène Lupin

SECCÃO TELEGRAFICA

Federações

MOBILIARIA

Sindicato de Braga — Recebemos officio, Vosso expediente: está em poder da Delegação Federal no Porto.

Sindicato de Coimbra — Segue expediente e officio. Acusam a recepção com brevidade.

Covilhã — José Caetano Junior, — Segue o expediente e officio para o Sindicato Mobiliario; logo que recebam acusem recepção.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Sindicato de Messines — Acreditamos como nosso o empreitismo contratado pelo delegado. Devido à anormalização no serviço dos correios não é ainda possível enviar a importância.

DESPORTOS

O Vitória Lusosportivo, realiza hoje, em benefício do seu cofre, um festival que constará de corridas de 100 metros de 3 pernas e de sacos, saltos de altura e em comprimento, barreiras, corridas para senhoras e 3 desfilos de futebol, entre as 1.ª e 2.ª infantis do Club Foot-Ball os Belenenses e 1.ª e 2.ª «teams» do Boa-Hora-Foot-Ball Club e do Vitória Lusosportivo.

A noite: haverá uma interessante récita no Club Recreativo Porto Brandão, havendo carreiras directas de Belém para esta localidade, até às 22 horas.

— O Castelhano Foot-Ball Club effectua hoje, pelas 12 horas, um desafio com a selecção do Grupo Desportivo «Os Passos Moures».

A favor do cofre do Grupo dos Amigos da Infância, realiza-se hoje no campo do Grupo Desportivo dos Empregados da Sociedade Industrial Alenteja, uma festa desportiva com o seguinte programma:

As 16 horas, encontro entre os teams infantis do Sporting Club de Portugal e o Grupo Desportivo «Os Combatentes»; às 17.30 horas, desafio entre as 1.ªs categorias do G. D. E. S. I. Aliança e do G. D. «Os Combatentes».

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, scientificas, profissionais e artisticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros de escripturação, mapas de escripturação, mapas de desordens de cores e de matizes para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escriptorio, excepto aos preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Victor Hugo, «OS MISÉRABLES», illustrada por Bonnat, em 6 tomos e encadernada com capas especiais em grandes volumes a 4000, acrescentando 500 de porte o embalagem para a provincia.

Sempre novos artigos e novidades literarias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29

LISBOA

Mutualismo e Cooperativismo

S. M. Sapateiros Lisbonenses — Reúne hoje, pelas 21 horas, em Assembleia Geral para apreciar o relatório de contas da direcção do ano de 1923.

Julgamento

Effectua-se no próximo dia 27 do corrente, no tribunal da Boa Hora, 3.ª districto criminal, o julgamento de António Nunes Canha.

SOCIEDADES DE RECREIO

Contração Musical 24 de Agosto — Realiza-se hoje de tarde, mais tarde, dançante, havendo à noite, ball.

AVOZ DA CADEIA

Pelos presos sociais do Forte de Monsanto foram recebidos 339\$45 produto de uma quete aberta pelo S. U. da Construção Civil de Almada para os presos sociais.

A VILA DA MARINHA GRANDE

Impressões colhidas durante uma curta permanência naquela localidade---O ambiente social---A paisagem---A indústria---A escola---O movimento operário---A psicologia do povo---As ideias revolucionárias---

Quando o silvo estridente da locomotiva nos anuncia Marinha Grande, e a vibrante enxada metálica do rodado das carruagens emudece, vive-se um momento de ansiedade, ante a presunção do peso do materialismo daquela vila, no turbilhão do seu movimento industrial, e a fragância que se escapa nos embreves quando a pista.

O olhar acaricia a longa casaria guardada de altas chaminés, que se perdem ao longo da via férrea. E logo a intuição nos previne que principiámos ali, sob aquelas telhas de Marselha, o labor intenso da vidraça e do cristal, que teve neste país, como precursor o inglês Stephens.

Toda a emotividade que as grandes criações da Natureza nos provoca encontra nesta rápida observação um gélido extasi, dando-nos o pensamento em mil e uma conjecturas.

Tudo quanto de brutal e pesado se vive é amenizado pela exuberância da Natureza que dá à vila de Marinha Grande um aspecto garrido e pitoresco.

A estrada para a Nazaré que abre com suas frondosas acélias e se perde longe, encerra uma tonalidade suave, uma harmonia encantadora que o alegra e chifre das aves torna melodiosa. Não fossem as aberrações da Natureza, aquele oásis converteria a Marinha Grande numa vila pastoril, onde a vida se amenizaria com a beleza polícroma da paisagem.

Quando o crepúsculo apaga os últimos clarões do coarçar das rãs, põe estas de sobressalto na tranqüilidade suave que se vive, desde os acordos matinais.

O «Engenho», local onde está a administração das Matas Nacionais e que se encontra na estrada que nos conduz a Vieira de Leiria, embriaga-nos pelo seu bucolismo, extasia-nos pela sua magestade. Uma álea sumptuosa, fechando no topo, à guisa de abóboda de grande catedral, corta a brisa que nos bate numa impregnação ressonante, exalada da gigantesca mata pinheiral e revigorada nos débeis pulmões combatidos pelas fadigas da propaganda.

Duas alas de canteiros, com tal negligência dispostos, instetistam o jardim...

Viosas roseiras tentam-nos. Um furvo olhar se troca entre a lapela do nosso casaco e o muro de onde exuberantemente as rosas pendem.

O «Engenho» assemelha-se muito ao jardim do Campo Grande, se o falamos os lagos com os seus barquinhos, as cavalgadas, o movimento velocipedista, os eléctricos e os retirios que o circunda.

O mesmo romanticismo e beijos trocados com recato pudor, preservação dos olhares indiscretos, a mesma radiceidade am-rosa ali se encontra, com mais parcimónia é certo, mas com o mesmo sentimento e entusiasmo.

O próprio «Chalet das Canas» que se apaga ao fundo do jardim do Campo Grande em diversa disposição topográfica, ali encontra uma reminiscência. Não é confeccionado em cana mas em pinho personificado da sua categoria silvícola... e social.

É a sede da administração das matas nacionais e, abstrahido a sua originalidade construtiva nada mais o recomenda, quer no valor artístico ou de estilo.

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura. Trepando os muros, em soberbos canteiros, brotando qual planta selvagem, epreitando com desdém pelos transeantes...

causa de algum modo marcaria na balança sentimental.

O oriundo do Sul é mais violento, mais contundente, embora menos profundo em sociologia.

Deveria ser o primeiro, onde o sangue celta fervilha com mais intensidade que fosse o mais irrequieto, de maior bululência.

Marinha Grande, porém, sofreu uma influência grandíssima em matéria mesológica na formação do carácter, que torna os seus oriundos dignos duma «preciação», à sua condição psíquica.

A vila de Marinha Grande está numa posição geográfica regular e notória. É, porém, guardada por florestas magesas e duma campina que empolga.

A natureza ali é tam prodigiosa em harmonia, o seu colorido é de tal forma exuberante que o conjunto é preme de inteligência e sentimento.

Com as condições industriais que adiante vão descritas que absorvem a maioria da população trabalhadora tinhamos a impressão íntima que o carácter dos marinhenses fosse boçal, de que o seu temperamento fosse grosseiro e que todas as manifestações psicológicas rescessem em incivilização, ausência de educação social, insociabilidade.

Esta suposição era filha do conceito próprio que temos, que a brutalidade do trabalho inciviliza os povos, furtando-lhe o poder de entendimento e harmonia.

Quando as suas feições fisionómicas me demonstraram o contrário, nos primeiros encontros que tivemos com alguns dos vidreiros marinhenses logo a nossa observação se aguçou em busca duma explicação.

Os naturais de Marinha Grande, que formam a quasi totalidade dos habitantes daquela vila são providos duma encantadora bonomia e sobriedade, emparelhando a todos os seus actos com acções uma simplicidade que é agradável viver.

A intriga que fervilha nos centros cosmopolitas não encontra ali meio ambiente, não deambulava com a sem cerimónia observada noutros lugares.

Temos vivido em logares pequenos onde a desarmónia é peculiar e frequente.

Marinha Grande dum modo geral é bonançosa e os seus naturais tem um culto especial pelo respeito mútuo, o respeito volitivo que dimana da competência dos deveres e direitos morais.

Apenas a «porca» política com as suas rabulices é que coarça ainda a fazer das suas. Mas é tam insignificante...

As tradições do povo e o seu espírito libertário

A tradição daquele povo é liberal. Até à data, por absoluta incompreensão das ideias modernas o espírito democrático tem ali predominado, espírito animado pela condição inata do próprio povo.

Quando amanhã as ideias de renovação social se radicarem no espírito da

que boa gente temos a certeza que o povo de Marinha Grande, o que moureja, o que dum trabalho probo vive, as abraçará, e lhe entregará o vigor da sua actividade!

O espírito democrático, a mais alta expressão política é ali encarado como o guia do progresso humano. Ser democrata em Marinha Grande é ser revolucionário.

Espiritualmente uma numerosa elite já nos acompanha e a sua florescência para a luta marcará um grau de mentalidade revolucionária, que afirmará a sequência das suas tradições.

Esta tendência pode superficialmente parecer uma integração feróz no Jacobinismo tam peculiar aos nossos «soviéticos» democratas. É porque o democrata entre nós só se afirma num intolerância doentia, num «crô ou morres» estúpido. Os marinhotos ainda, nisso são elevados, pois os seus crentes não lhe dão um carácter absolutamente intolerante, próprio ainda do seu temperamento.

Em matéria religiosa a sua psicologia difere um pouco, mas ainda é integrada na liberdade espiritual.

A Igreja para os marinhotos é o símbolo da escravatura moral e espiritual. A única que lá existe sofre um desdém rigoroso, não marcando o catolicismo mais do que um passado que se extingue quasi diluído e pulverizado pela moderna mentalidade, fundamentada na filosofia que esmaga impiedosamente todo o conceito teológico que se apresenta.

As missas que ainda lá se celebram tem apenas por lites alguns «carolas» do burgo pertencentes à burguesia, e uns peregrinos que dos lugares circunvizinhos ali vão em piedosa tarefa entregar ao padre algumas misalhas.

Espirados, assim, aliviados, mas almes deformadas pela mentira que o templo encerra!

A Igreja matriz de Marinha Grande simplesmente afronta os espíritos livres,

que não causam algum prejuizo, porque a sua influência é quasi nula, com tendências a desaparecer.

Os hábitos e costumes e a beleza feminina

É certo que cada região possui uma lenda, um ritmo, uma vida. Em cada região se conta uma tragédia, um deambulando na vida social, ou romantizada pelo amor, pela paixão.

A linda vila da Marinha Grande não se exclui desta tradição. Não há propriamente um movimento personificado na lenda, como não existe um ritmo, como se observa no Minho ou no Algarve. Contudo, não se afirmando um exibicionismo regionalista, marca um tipo especial em várias manifestações, que lhe dá um carácter muito particular.

A dança encontra ali, por via dos oriundos daquela vila, quasi uma adoração.

Não é a dança canção, caracterizada dalgumas regiões, cujo movimento e melodia se vive nos costumes, e caracteriza uma raça.

Ali é a dança vulgar, que se rodopia numa voluptuosidade nervótica, estonteante. É a vida da própria região que se agita.

Ha uma nota mais fresca, mais viva, mais real, e quando toda a pujança transborda e que só a civilização empalidece.

Essa frescura, de fina tonalidade, de ver manter-se vivida, enquanto a sensibilidade não se embota absolutamente.

A estética citadina e a acção camarária

Marinha Grande tem a categoria de vila, mas é sede de conselho. Da sua população não conseguimos um número exacto ou aproximado, havendo quem a computasse em cerca de 5.000 habitantes.

A vila é assada, havendo mesmo algumas noções de higiene, conservando-se as ruas limpas e frescas, o que é para estranhar, atendendo a que a vila não possui encanamento ou esgotos para onde converjam todos os despejos.

Estes fazem-se em fossos e formam fétido adubo. A iluminação também é deficiente.

A topografia da vila não deixa de ser interessante, apesar da ausência de estética.

Há um labirinto de ruas que se atropelam, que se cruzam, que se acotovelam, havendo algumas bastante sinuosas, mas com magnífico efeito de luz, dando um certo colorido aos prédios.

Os pavimentos, porém, é que são lastimosos, sendo com dificuldade que se galgam, especialmente aos calosos lisboetas habituados aos suaves passeios.

A acção camarária, a pesar da sua complexidade financeira pouco tem marcado no aspecto que vimos focando.

O jardim camarário tem falta de gosto e de estética sendo pouco animado pela arborização.

Excepção a alguns serviços especiais, a Câmara Municipal de Marinha Grande não possui um quadro de pessoal habilitado a prover as necessidades inerentes às suas funções.

Quando há reparações a fazer nas estradas ou ruas é esta tarefa confiada a pessoal adventício, contratado para o efeito.

Quanto aos edificios não existem dignos de menção, pois acompanham na mesma classe de gosto os pavimentos...

As condições económicas da vila e a sua capacidade de abastecimento

A pesar da existência de algumas casas comerciais apreciáveis, Marinha Grande é pobre em abastecimentos. A vila não possui condições próprias para abastecer a população.

Aos domingos e quartas-feiras realiza-se o chamado mercado onde o povo se vai prover, mercado formado por produtos e gêneros vindos de outras localidades, que tem a procura que as circunstâncias determinam e impõem.

Quando nós eventualmente ali se encontramos, sofre as contingências das escassas de alimento, ou conforma-se com a sua repetição... Os naturais que tem família constituída regulam melhor as suas necessidades. Mas quem tem que ir para a pensão!

No entanto o comércio tem uma certa vida, como não podia deixar de ser, havendo mesmo «clases» diferentes, formando estabelecimentos comparáveis.

Perfeita em linhas fisionómicas, na linha social já foi, porém, contaminada. O snobismo perferiu algumas sensibilibidades, embotou alguns sentimentos.

Os seus vestidos bizarros, envergados em dias, festivos ou domingueiros dão-lhe um carácter mais pesado que nos dias úteis. É porque, a civilização aqui desnaturalou a beleza, a finura.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE MAIO

HOJE O SOL

FASES DA LUA

MARÉS DE HOJE

CAMBIO

MOEDAS

MOEDAS

MOEDAS

MOEDAS

MOEDAS

MOEDAS

mente superiores. O seu movimento é regular... e a sua exploração não foge à regra, pois isso seria dotar a vila dum privilégio que só uma revolução económica conseguiria. De produtos indispensáveis à alimentação há como já vimos bastantes deficiências, de artigos indispensáveis à vida, a vila tem condições que se não acompanharem a gradual evolução do povo, em breve serão igualmente deficientes. Também Marinha Grande não possui mais do que um «Café» com jogo de bilhar, sendo privativo da burguesia quasi por ela só frequentado.

O movimento industrial e um conceito apático

Pode considerar-se quasi circunscrito à indústria do vidro o movimento industrial marinhoto. Apenas existem alguns dos vidreiros, 100 cerâmicos e 300 operários empregados nas serrações mecânicas de madeira. A cerâmica é muito rudimentar; e as serrações apenas tem uma função ou utilidade para as madeiras cortadas das matas nacionais. É, por consequência de sômosos importância as suas especialidades.

Em tempos já «A Batalha» descreveu a dinâmica do movimento industrial vidreiro. Dispensamo-nos agora de o fazer, no aspecto em que o foi, para o observar nestras ruas.

Os vidreiros estão divididos em quatro categorias: manipuladores de vidro, cristaleiros, garrafeiros e lapidadores. Estes últimos consideram-se anexas, embora sejam operários especializados, e realçam como que a gravura no cristal tornando-o artístico e aperfeiçoado.

O movimento é colossal se atendermos ao valor de capacidade da indústria. A produção é considerável... para o capitalismo.

A manipulação da vidraça é brutal, impondo uma profunda remodelação a bem da vida dos operários, e do próprio desenvolvimento industrial, o mesmo sucedendo no que se refere ao cristal e à garrafa.

A vida íntima do trabalho nas fábricas é simplesmente atrozadora. O movimento da fábrica é desumano, anti-social e revoltante. Depois dos dois mineiros só conhecemos este. Se as dimensões desta crônica no-lo permitissem, descreveríamos nas suas minúcias a vida dos forçados modernos... Decerto que uma página não seria suficiente para a análise, tam variada são os aspectos!

Basta porém dizer que a vida naquelas logares de trabalho é um perfeito inferno de Dante! Lançados para ali aos 9 ou 10 anos de idade, num regime de fogo, violência e crueldade, até que a morte os ceife, vivem o mesmo movimento ritmado, a mesma vida miserável, sujeitos aos rigores do trabalho, sem outra noção que não seja a de transformar blocos de vidros em combatidos em magníficas jarras em esplendidas garrafas.

Tudo o que de estético o trabalho encerra, isto é, aliás ao movimento material do trabalho o movimento espiritual, dando-lhe uma feição de beleza, de perfeição não é inteligência que a sua mentalidade alberque.

Trabalhar, produzir, mas no mais revoltante materialismo, é viver a dura vida de escravo dum trabalho ignominioso. Assim, sem idealização, o trabalho é pouco convidativo, mesmo muito pouco atraente.

Infelizmente, manda a verdade que dignos nestas colunas que as condições miseráveis que vimos flagelando, creamos um estado de espírito que formou a mentalidade de que o vidreiro é possuído.

Sabemos que é ele filho da ausência de conhecimento sobre técnica, sobre mecânica, abstrahindo-nos de aludirmos sobre determinismo.

As condições actuais de trabalho se não são defendidas «a outrance» pelos vidreiros, são pelo menos encarádas como irremediáveis, insubstituíveis, à excepção duma minoria de jovens obscuros que sustentam opinião em contrário.

A mecânica na indústria vidreira, se não é repudiada como elemento satânico é combatida friamente como nociva.

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos

Dias

«Gotha», para Bremen, ... 25

«Formosa», portos do Brazil e Argentina, ... 27

«Creteida», portos do Brazil e Argentina, ... 29

«Usambra», Southampton, Rotterdam e Hamburgo, ... 30

«Angola», para os portos da Africa Oriental, ... 30

EM JUNHO

«Pedro Gomes», portos de Africa, ... 1

«Massilia», portos do Brazil e Argentina, ... 5

«Avon», para Liverpool, ... 6

«Flândia», Leixões Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam, ... 7

Ourivesaria - Joalheria

SANTOS CATITA, L. da

Rua Eugénio dos Santos, 44

Rua da Boa Vista, 22

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

«Gotha», para Bremen, ... 25

«Formosa», portos do Brazil e Argentina, ... 27

«Creteida», portos do Brazil e Argentina, ... 29

«Usambra», Southampton, Rotterdam e Hamburgo, ... 30

«Angola», para os portos da Africa Oriental, ... 30

EM JUNHO

«Pedro Gomes», portos de Africa, ... 1

«Massilia», portos do Brazil e Argentina, ... 5

«Avon», para Liverpool, ... 6

«Flândia», Leixões Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam, ... 7

Ourivesaria - Joalheria

SANTOS CATITA, L. da

Rua Eugénio dos Santos, 44

Rua da Boa Vista, 22

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

Grande sortido em cor-deões, cadeias, anéis, brincos, pulseiras, etc., etc. em ouro de nova lei. Compram aos melhores preços ouro e prata para derreter

A máquina é odiada. Não se concebe a máquina porque rouba o pão de muitas famílias e na opinião doutros, porque é elemento imperfeito de produção.

Já o temos dito. Dentro da actual organização social, isto é, a máquina ao serviço do patrão é um elemento de exploração em prejuizo dos obreiros. Ao serviço da comunidade, a máquina deixa de ser um elemento de exploração humana para ser um factor do progresso que dispensa maior esforço físico, com superiores benefícios coléctivos. Logo aqui, por muito mediocre que seja a cultura operária se tira esta ilção. Não é a máquina que deve ser combatida, mas sim a entidade que tão mau uso faz dela—o patrão.

Desaparecido o patrão, o capitalista, já a máquina revolucionará as indústrias, trazendo à humanidade as vantagens que o péssimo sistema social impossibilita.

Que meditem nisto os vidreiros e logo concluirão que a perfeição do trabalho mecânico depende da sua boa aplicação.

O movimento escolar e a reeducação dos sexos

Há emoções que nos fazem vibrar com tal violência que chegamos a reacar termos que sujeitar-nos a um tratamento hidroterápico para as evitar.

Quando

replicou Marion interrompendo o governador. Fraga-me um boi que eu o lavarei às costas ou o matarei com um murro; mas hombros quadrados não fazem o chefe de um grande povo... Não, não...; sou robusto, é verdade, mas o fardo é muito pesado... Portanto, Vitória, não me sobrecarregue com um tal peso, porque eu enfraqueceria debaixo dele... e a Gália enfraqueceria também a vista do meu desfalecimento... E daí, finalmente, é preciso dizer tudo, eu gosto, depois do serviço acabado, de entrar em casa para beber um cangirão de cerveja em companhia do meu amigo Eustachio, conversando sobre a nossa antiga profissão de ferreiro ou divertindo-nos em polir as armas como se fôssemos peritos armeiros... Assim é que eu sou, Vitória, assim fui sempre... assim quero ficar.

—E são isto homens! ó Hesús!... exclamou a mãe dos acampamentos com indignação. Eu, mulher... mãe... vi morrer esta noite meu filho e meu neto...; tive o ânimo de conter a minha dor... e este soldado a quem se oferece o posto mais glorioso que pode ilustrar um homem, atreve-se a responder com uma recusa, pretextando o seu gosto pela cerveja e pela limpeza das armas! Ah! desgraçada Gália! se aqueles que ela considera os seus mais valiosos filhos a abandonam tam cobardemente!

As censuras da mãe dos acampamentos impressionaram o capitão Marion, que abaixou a cabeça confusamente guardando silêncio durante alguns instantes; depois replicou:

—Vitória, aqui não vejo senão uma alma forte; é a sua... Eu envergonho-me Vitória... Vamos acrescentar-lhe com um suspiro, vamos... já que assim o quer... aceito... Mas os deuses são testemunhas... que aceito por dever; se fizer asneiras na qualidade de chefe da Gália, não me censurem... Aceito, pois, Vitória, com duas condições, sem as quais nada se fará.

—Quais são essas condições? perguntou Tétrik.

—Esta é a primeira, replicou Marion: a mãe dos

acampamentos continuará a ficar em Mayença e auxiliar-me há com os seus conselhos... Eu sou tam novo na profissão que vou encetar, como um aprendiz de ferreiro metendo pela primeira vez o ferro na forja... receio queimar os dedos...

—Já lhe prometi isso mesmo, Marion: a mãe dos acampamentos continuará a ficar em Mayença e auxiliar-me há com os seus conselhos... Eu sou tam novo na profissão que vou encetar, como um aprendiz de ferreiro metendo pela primeira vez o ferro na forja... receio queimar os dedos...

—Já lhe prometi isso mesmo, Marion, replicou a minha colação; ficarei aqui enquanto a minha presença e os meus conselhos lhe forem necessários.

—Vitória, se o seu espírito me abandonasse, eu seria um corpo sem alma... Agradeço-lhe, pois do fundo do meu coração. A promessa que me faz deve custar-lhe muito; pobre mulher!... Entretanto, acrescentou o capitão com a sua bondade habitual, não me julgo loucamente glorioso para que possa imaginar que é a este toiro de guerra, chamado Marion, que a grande Vitória faz o sacrificio de esquecer os seus pezares a fim de o guiar na sua nova profissão... Não...; é a nossa velha Gália que Vitória se sacrifica; e, como bom filho, sou tam reconhecido do bem que se deseja à minha velha mãe como se se tratasse de mim mesmo...

—Nobrememente dito, nobrememente pensado, Marion, replicou Vitória, sensível a estas palavras do capitão; mas a sua inteireza e o seu bom senso farão com que passe sem os meus conselhos, e então, acrescentou ela com uma pronúncia de dor profunda e reservada, eu poderei como Tétrik, ir sepultar-me em alguma solidão acompanhada dos meus pezares...

—Ai de mim! replicou o governador, chorar em paz é a única consolação das perdas irreparáveis... Mas, acrescentou ele dirigindo-se a Marion, o capitão tinha falado de duas condições; Vitória aceita a primeira, qual é a segunda?

—Oh! a segunda... e o capitão abanou a cabeça; a segunda é para mim tam importante como a primeira.

—Finalmente, qual é ela? perguntou a minha colação. Explique-se, Marion.

—Não sei, replicou o bom capitão com ar sincero e embaraçado, não sei se já lhe falei do meu amigo Eustachio?

—Sim, e mais de uma vez, respondeu Tétrik. Mas que tem de comum o seu amigo Eustachio com as novas funções que vai exercer?

—Como! exclamou Marion, pergunta-me o que tem de comum comigo o meu amigo Eustachio... pergunte então o que tem de comum os copos da espada com a folha da mesma, o martelo com o cabo e o fole com a forja...

—Quer dizer que estão ligados um ao outro por uma antiga e estreita amizade; bem o sabemos, replicou Vitória. Deseja o capitão conceder alguma graça ao seu amigo?

—Já mais consentirei em me separar dele; não é alegre e muitas vezes é rabujento; mas estima-me tanto quanto eu o estimo, e nós não podemos passar um sem o outro... Ora, admirar-se há talvez que o chefe da Gália tenha por seu amigo intimo e por companheiro um soldado, um antigo operário ferreiro... Mas já lhe disse, Vitória, que se for mister separar-me do meu amigo Eustachio, nada se fará... recuso... Só a amizade dele me pode tornar o fardo suportável.

—Scanvoh, meu colação, ficou simples cavaleiro do exército, e por ventura não é ele meu amigo? disse Vitória. Ninguém se admira de uma amizade que nos honra a ambos. O mesmo sucederá, capitão Marion, com a amizade que consagrar ao seu antigo companheiro de forja.

—E o seu posto, capitão Marion, duplicará a mútua afeição entre ambos, disse Tétrik; porque com tam estreita amizade, Eustachio gosará talvez mais da sua elevação do que o senhor mesmo.

—Não creio que o meu amigo Eustachio se regosie muito com a minha elevação, replicou Marion; Eustachio não é glorioso; considera-me o seu antigo camarada de bigorna, e não o capitão; pouco se importará com a minha nova dignidade... Unicamente, Vitória, recorde-se sempre disto: Do mesmo modo que hoje me diz: «Marion, preciso do senhor...» peço-lhe também que nunca se constranja para me dizer: «Marion, vá-se embora porque não o acho bom para coisa alguma; um outro preencherá melhor o seu lugar...» Compreenderei logo, e muito alegremente voltarei de braço dado, com o meu amigo Eustachio, ao nosso cangirão de cerveja e às nossas armaduras; mas em quanto me disser: «Marion, preciso do senhor, ficarei chefe da Gália, e nisto abafarei um último suspiro, visto que sou chefe...»

—chefe ficará por muito tempo para glória da Gália, replicou Tétrik. Acredite-me, capitão, a sua modestia cega-o; mas esta manhã quando Vitória o propuser aos soldados como chefe e general, as admações de todo o exército lhe farão saber os seus merecimentos.

—E quem mais se há de admirar dos meus merecimentos hei de ser eu, replicou sinceramente o bom capitão. Finalmente, prometi, está prometido... conte comigo, Vitória, já lhe dei a minha palavra. Retire-me... vou esperar o meu amigo Eustachio... e amanhã clara, ele não tardará em recolher dos postos avançados, onde está de guarda desde ontem à tarde e ficaria com cuidado se não me encontrasse.

—Não se esqueça, capitão, disse-lhe eu, de perguntar ao seu amigo o nome do soldado que ele escolheu para me acompanhar.

—Cuidarei nisso, Scanvoh. E agora, adeus... disse com voz abafada o governador a Vitória, adeus... O sol não tarda a nascer... Cada instante que passo neste lugar é para mim um suplicio...

—Não se demora em Mayença ao menos até que as cinzas de meus dois filhos sejam lançadas à terra!

DAVID C. COSTA

Ourives joalheiro

Nesta casa se encontra um completo sortido de artigos de ourivesaria e joalharia pelos preços mais económicos.

Aos amigos de «A BATALHA» se lhe concede um «bonus» especial, bastando que depois da compra realizada apresentem o jornal, sendo maior o «bonus» para aqueles que provem ser assinantes.

Há sempre artigos de ouro que se vendem a peso

RUA DA PALMA, 18

IMPORTANTE

SEGUROS MARITIMOS
«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes. Dirija-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital integralmente realizado, Esc. 500.000\$00—Reservas, Esc. 749.031\$60,9

SEDE EM LISBOA

Rua Garrett, 95—Tel. 3894

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Telefone C. 4356

MÁRIO RIBEIRO FIRMO

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Tubos de grés e de barro, cimentos, ladrilhos, azulejos e artigos sanitários

Escritório e Estância
Travessa Moinho Vento, F (à Lapa)

Depósitos
Rua Santana, 121 (à Lapa)

Tudo mais barato

Joalharia, ourivesaria e relojoaria

DE MIGUEL & J. A. FRAGA

26, RUA DA PALMA, 28

Grande sortimento de mo-ogramas para carteiras

Executam-se todos os fac-similes

Temos sempre objectos em 2.ª mão que vendemos baratíssimos

Não comprem sem visitar esta casa

Tudo mais barato

MOVEIS

Preços resumidos

4—Mobílias—4

5:960\$000

Quarto de cama para casal, Casa de jantar e sala de visitas torrada em veludo e escritório construção sólida.

3—Mobílias—3

18:000\$00

Quarto de cama para casal, Casa de jantar, e sala de visitas torrada em veludo, tudo com espelhos biselados, 38 peças.

1:780\$00

Casa de jantar, 10 peças.

2:380\$00

Quarto de cama para casal.

Quando estocque e variedade em mobílias e móveis desirmanados.

Agradece a quem tiver a amabilidade de vir visitar este novo estabelecimento, que mais barato vende

Armando Santos

Rua das Gáveas, 29 a 33

(Ao Camões)

OURO

mais barato e só pelo peso

Não se paga feito

Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões, Alfinetes para gravata e mais artigos que se vendem pelo peso

Vende só a OURIVESARIA do BARATEIRO PIMENTA

Rua da Palma, 2

Fraqueza genital

Cura radical com os comprimidos vegetais de VOIMBINA, produto alemão do dr. Fritz Koch, de Munich, os quais provocam nova aliência de sangue nos órgãos genitais de ambos os sexos e com que o dr. Helmer, conselheiro imperial de Viena, tem obtido 85 % de curas na sua clínica.

Preços 1500, provincia 1800. Depósito no Porto, rua da Fábrica, 5, 2.º. Depósito geral G. L. de Almeida, travessa Nova de São Domingos, 9, 2.º—LISBOA.

APIOL

MENSTRUUAÇÕES

São imediatamente regularizadas com o uso deste maravilhoso preparado alemão do dr. Fritz Koch, de Munich: Chegou nova remessa. Pedimos as nossas antigas clientes para hoje passarem os seus pedidos, a fim de não sentirem a sua falta, e lembramos a todas as senhoras a conveniência de terem sempre em casa este maravilhoso produto, pois ele representa a tranquilidade do lar. Preço 1500, pelo correio, oculto, 1600. Depósito o G. L. de Almeida, Travessa Nova de São Domingos, 9, 2.º, LISBOA.

Trabalhadores: lêde e ptonagat o Suplemento de A Batalha

Ourivesaria e joalharia

Compra e venda de ouro, joias, prata e relójos, em 2.ª mão e nas melhores condições

Colarinho, L.ª

Travessa de São Domingos, 27

Telefone 3349 NORTE

«WANDERER»

A máquina que se impõe pelo seu fabrico e acabamento Resistência inegualável



Modelos de 1 e 2 cilindros. Em stock, peças e acessórios WANDERER para os antigos e actuais modelos. Reparações de confiança — Representante: JOÃO GUERREIRO JORGE

116 — Rua Alves Correia — 118 LISBOA

CANDEIAS!!!

E' quem vende o calçado mais barato, mais elegante e mais resistente

Intendente-Lisboa

FOGÕES

Funcionamento e qualidade garantida de todas as medidas, só no fabricante, J. P. Bastos, Ltd., Rua Morais Soares, 171 a 175.

31 E' o número da porta da Nova Ourivesaria de Peixoto, Maia & Pinheiro, L.da, rua de São Paulo, (junto ao arco). Ouro, prata, joias, moedas de ouro e dentaduras velhas. Não vendam sem consultar os nossos preços. Vendemos por preços limitadíssimos em novo e 2.ª mão, joias, objectos de ouro e prata, Sucursal, rua de São Paulo, 114. Telefone 1322 C.

Portas Onduladas METÁLICAS

FABRICAM-SE com solidês. Peçam amostras e orçamentos, com todos os maquinismos privilegiados. Vendem-se todos os materiais avulso, assim como: calha, chapa mola, fita, tambores, etc.

Rua da Emenda, 114—Telefone 2.316-C.

EXAMINEM

AS QUALIDADES E PREÇOS

Máquinas de coser bobines central... 1:000\$00

Bicicletas roda livre, dois trelos, guarda-lamas, garantidas 1:000\$00

Banheiras ferro esmaltado 1:100\$00

Artigos de futebol, Contadores para água, pressão e ar livre

Pinto Coelho

Trav. de S. Domingos, 28

— LISBOA —

SÓ NA

TINTURARIA

BRAZILEIRA

RUA do Olival, 284, E. Rua Torre da Polvo- ra, a Pampulha, é que se entrega um fato velho e recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto a vestir, dos dois sexos.

Tinge-se em todas as cores

Limpa-se a seco em seis horas

Fatos completos

A vestir, para homem, em boas fazendas de lã, com bons forros, desde

145\$00

Calças desde 39\$00

Grande sortido de fatos feitos e por medida a preços de combate

Setim para forros Grande sortido em preto e cores desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

COMPANHIA DO ASSUCAR DE ANGOLA

Séde em Lisboa—Rua da Madalena, 45-2.º

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EMIÇÃO DE 50.000 ACCOES COUPONS

(3.ª Emissão)

Usando da faculdade que lhe é concedida pelo Art. 4.º e § 1.º dos seus Estatutos, e com o parecer favorável dos Conselhos de Administração e Fiscal, resolveu a Direcção realizar nova emissão de 50.000 accções coupon, elevando desta forma o capital a Esc. 15.000.000\$00.

Condições da Emissão

A subscrição será aberta de 15 a 30 de Maio corrente. — O preço de cada accção á de Esc. 102\$00.

O pagamento desta importância far-se-ha na Séde da Companhia ou na casa José Augusto Dias F.º & C.ª, Praça Almeida Garrett, 23, Porto, em três prestações sendo:

1.ª no acto da subscrição de 15 a 30 de Maio crt.—Esc. 34\$00

2.ª de 16 a 30 de Junho p. f. —Esc. 34\$00

3.ª de 15 a 30 de Julho p. f. —Esc. 34\$00

sendo permitido integralisa-lo no acto da subscrição, abonando-se a antecipação á taxa do Banco de Portugal.

A demora no pagamento fica sujeita ao disposto no art. 4.º § 4.º dos Estatutos. Estas accções terão direito a 50% do dividendo que for atribuido no exercicio de 1924 a cada accção actualmente em circulação, ficando depois equiparadas em tudo ás já existentes. Cada acionista terá direito a subscrever uma accção por duas das que actualmente possui. Não ha direito a fracções.

No acto da subscrição deverá o Sr. Acionista apresentar as suas accções na Séde da Companhia ou na casa José Augusto Dias F.º & C.ª, Porto, devidamente relacionadas em impresso fornecido por esta Companhia, fazendo-se a liquidação da 1.ª prestação no dia immediato contra a entrega de 1 titulo provisorio. As accções recebem-se todos os dias uteis das 10 ás 12 horas e o serviço de Caixa realiza-se das 14 ás 16. Tem-se como desistência da subscrição o não ter sido feita o pagamento da 1.ª prestação até ao dia 30 de Maio corrente.

Lisboa, 12 de Maio de 1924.

PELA COMPANHIA DO ASSUCAR DE ANGOLA

A DIRECCÃO.